

O INGRESSO À UNIVERSIDADE APÓS OS 50 ANOS

RESUMO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é investigar quais os motivos que levam pessoas de cinquenta anos ou mais a buscar uma graduação. A metodologia proposta é de abordagem qualitativa caracterizada como descritiva. O instrumento foi uma entrevista semi estruturada, gravada e transcrita, com análise de conteúdo. O público alvo são duas alunas, com mais de cinquenta anos, matriculadas no curso de Pedagogia da Universidade da Região da Campanha-URCAMP da cidade de Bagé-RS. Dentre os autores que contribuíram para a fundamentação teórica desta pesquisa estão: Bosi (2004), Juliatto (2005), Monteiro (2005) e Obst (2017). Entre os resultados obtidos identificamos que para ambas as entrevistadas o acesso ao ensino superior não ocorreu logo após o término do ensino médio, em decorrência de problemas sociais, pessoais e financeiros, as mesmas retornaram a estudar após os cinquenta anos com intuito de realização de objetivos e projetos de juventude. As entrevistadas demonstram identificação com o curso e o compromisso com a educação, sendo essa a oportunidade de ampliar sua formação pessoal, de bem viver, expandindo a visão de futuro, repleto de possibilidades. Em fim a universidade apresenta um novo universo de possibilidades a todas as gerações, mas em especial as pesquisadas o ambiente universitário é um espaço de conquista.

Palavras – chaves: Estudar, Universidade, Meia Idade.

ENTERING UNIVERSITY AFTER 50 YEARS

ABSTRACT

The purpose of this course completion work is to investigate the motives that lead people in their 50s or older to pursue a degree. The proposed methodology is qualitative approach characterized as descriptive. The instrument was a semi-structured interview, recorded and transcribed, with content analysis. The target audience are two students, over fifty, enrolled in the Pedagogy course of the University of the Region of the Campaign-URCAMP of the city of Bagé-RS. Among the authors who contributed to the theoretical basis of this research are: Bosi (2004), Juliatto (2005), Monteiro (2005) and Obst (2017). Among the results obtained, we identified that, for both interviewees, access to higher education did not occur immediately after high school due to social, personal and financial problems, they returned to study after fifty years in order to achieve objectives and youth projects. The interviewees demonstrate identification with the course and the commitment to education, which is the opportunity to expand their personal formation, to live well, expanding the vision of the future, full of possibilities. In the end the university

presents a new universe of possibilities to all generations, but especially those researched the university environment is a space of conquest.

Key - words: *Studying, University, Middle Ages.*

INTRODUÇÃO

Como tudo tem começo, meio e fim, a vida não se encerra aos 50 anos, como aconteciam anos atrás onde as pessoas que atingiam meio século, tinham sua produtividade questionada e a sociedade moderna lhes atribua à missão de envelhecer. Hoje, tempos pós-modernos ou contemporâneos, a idade é uma questão de opinião, porque envelhecer é natural, mas deixar sonhos para trás, não. Por isso surgiu o seguinte questionamento: “o que levou as pessoas de 50 anos ou mais se interessar em ingressar na universidade”?

Entre desafios enfrentados no âmbito cultural, financeiro e pessoal na juventude e todas as transformações ocorridas nas pessoas de meia idade neste século, retornar aos bancos universitários tem sido um dos propósitos que movimentam várias pessoas que não tiveram acesso ao ensino superior na idade certa, é o que justifica a temática desta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as razões de ingresso das alunas de mais de 50 anos para a Universidade da Região da Campanha, campus Bagé. E os objetivos específicos propostos para o estudo são: relatar o envelhecimento ontem e hoje, identificar esta nova geração de alunos universitários, entender os fatores que contribuíram para que os estudos não ocorressem na idade correta, relatar as razões do retorno e a permanência no curso universitário, compreender que a educação tem que ser contínua porque estamos sempre independentes da idade em estágio de aprendizagem e por fim saber como as universidades, docentes e discentes estão se adaptando a esta nova realidade acadêmica.

Para enriquecer o objetivo, foi utilizado o processo descritivo e exploratório, pois há a necessidade de compreender as transformações que ocorreram nas pessoas e na sociedade sabendo-se que a população de cinquentões vem crescendo no Brasil e no mundo, e o fato também do tema escolhido ser pouco estudado e com pouco destaque nos trabalhos universitários.

O estudo caracteriza-se pela pesquisa qualitativa caracterizada para o seu desenvolvimento porque desta maneira consegue-se um contato mais direto entre o pesquisador e o sujeito.

O trabalho de conclusão de curso está organizado em quatro partes teóricas, além da análise e as considerações finais. Na primeira é apresentada uma narrativa sobre o envelhecimento de ontem, hoje: do direito ao respeito.

Na segunda parte ressalta-se a educação como um processo contínuo, e que o ser humano está sempre em aprendizado, independente da idade.

Na terceira parte expõem-se sobre as pessoas de 50 anos porque a idade é apenas um número, o que não impede de ingressarem na universidade modificando o perfil de acadêmicos e conquistando o tão sonhado diploma. No último capítulo de fundamentação teórica destacam-se aspectos do saber e de como as universidades, docentes e discentes, estão adaptando-se a esta nova realidade da vida acadêmica.

Na sequência o trabalho contempla o desenvolvimento da análise, quando apresenta as falas das entrevistadas de forma dialogada com os autores estudados.

1. ENVELHECIMENTO, ONTEM E HOJE: DO DIREITO AO RESPEITO

De um país extremamente jovem, o Brasil vem gradualmente se tornando uma nação de idosos que passam a representar um grupo social de grande peso em nossa sociedade.

Essas mudanças refletem nas melhorias no sistema de saúde e nas condições sanitárias, melhor atendimento e acompanhamento médico e a difusão de hábitos saudáveis que muito contribuem para a manutenção da longevidade.

A estrutura da população brasileira já passou por diversas mudanças. Houve momentos da história em que tivemos crescimento natural acelerado, com número de jovens maior do que de idosos. Em outros momentos, tivemos queda no crescimento natural, e daí por diante a população oscilou muito quanto à estrutura etária (FREITAS, 2010).

Freitas (2010) também diz que com a diminuição das taxas de natalidade, a população vai envelhecendo aos poucos. De acordo com estimativas elaboradas e divulgadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de idosos deve aumentar. Por volta de 2050, haverá, no Brasil, 73 idosos para cada 100 crianças. O estudo ainda divulgou que a população brasileira será de aproximadamente 215 milhões de habitantes.

Uma tendência é que em torno de 2039 a população do Brasil pare de crescer, ocasionando uma queda de população, o que permite o aumento da

população de idosos, outro fator é o aumento da expectativa de vida dos brasileiros, hoje de 78 anos.

Para Gontijo (2005) o relatório mundial da saúde e envelhecimento destaca que o número de pessoas com mais de 60 anos no país deverá crescer mais rápido do que a média internacional. Enquanto a quantidade de idosos vai duplicar no mundo, no Brasil até o ano de 2050 vai triplicar assim as questões sobre envelhecimento estão cada vez mais estudadas e pesquisadas.

A constituição de 1988 introduz o conceito de seguridade social, a partir daí o idoso é reconhecido como um alguém de direitos.

Em janeiro de 1994, surge a Política Nacional do Idoso (PNI) através da Lei nº 8.842, que tem por objetivo art. 1º “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”.

Em outubro de 2003 é instituído o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, destinado a regular os direitos assegurados com idade igual ou superior a sessenta anos, é o máximo em termos de legislação protetiva aos idosos, ele reafirma uma série de direitos garantidos.

De acordo com Obst (2017), um direito do idoso é a educação, cultura, lazer, esporte, diversões, espetáculos, produtos e serviços apropriados que respeitem sua peculiar condição de saúde. A lei ainda garante descontos e acesso preferencial nas atividades e eventos que proporcionem a concretização dos direitos anteriormente elencados.

O organismo dos velhos é sempre um organismo em processo de transformação, assim como de um jovem ou de uma criança. Portanto, não somente os velhos envelhecem. Estamos envelhecendo a todo o momento de nossas vidas (MONTEIRO, 2005).

Esqueça toda e qualquer evolução tecnológica, todos os avanços da inteligência artificial e toda a inovação inimaginável que está por vir. A maior transformação do mundo do século XXI está acontecendo ao nosso lado, em nossas casas, dentro de cada um, O nome dela é LONGEVIDADE (OBST, 2017).

A grande mudança que esta ocorrendo na sociedade atual tem que ser entendida por quem esta no mundo do século XXI. A velhice de anos atrás não condiz mais com o perfil desses novos velhos e suas transformações. A maneira de viver a velhice hoje torna mais fácil o cotidiano dos que alcançaram a terceira idade.

Hoje jovens e adultos de todas as idades já estão aprendendo a refletir sobre o envelhecimento e aproveitar os anos a mais que esse fenômeno de nome longevidade vem ocasionando em todo o mundo, o desafio agora é viver o melhor que cada idade oferece, e ver esta fase da vida como real e prepara-la de maneira a ter bem estar, equilíbrio físico e emocional (OBST, 2017).

O idoso de hoje não é acomodado e está, inclusive, buscando novas formas de inserir-se no mercado de trabalho. Muitos daqueles que não construíram uma experiência profissional ao longo da vida, por “n” motivos, estão indo atrás disto na terceira idade. Há pessoas idosas entrando na universidade, para fazer um curso de graduação ou para um segundo curso de graduação, porque desejam mudar de área. Os novos idosos sentem que ainda tem uma vida para viver e querem vivê-la da melhor maneira possível, inclusive profissionalmente (OBST, 2017).

2. EDUCAÇÃO, CIDADANIA, UMA NOVA SOCIEDADE

A educação é a única fonte transformadora de um futuro melhor e todos terem acesso a ela é uma maneira de construir uma sociedade mais justa e igualitária, à medida que progride a história, mais rápido é o avanço do conhecimento e menor é o tempo de que cada geração dispõe a se adaptar à nova realidade.

Há apenas três séculos tivemos a criação das máquinas e da indústria que possibilitou o homem modificar o ambiente em que vive no século XX o desenvolvimento da informática trouxe outro ritmo à vida das pessoas, hoje temos os celulares, a internet e os computadores que permitem a comunicação instantânea em qualquer lugar e à informação mudou nosso mundo, estamos vivendo em uma sociedade na qual a capacidade de obter, trabalhar e, sobretudo criar conhecimento determina nossa posição e espaço.

Todas essas revoluções afetam nossa expectativa para o futuro, não arriscamos mais saber nossas vidas daqui vinte ou cinquenta anos, porque o que levava cem anos para ser criado e desenvolvido a ponto de modificar a sociedade, hoje leva poucos anos, meses e talvez até mesmo dias.

A formação do ser humano começa na família, ali, tem início um processo de humanização e libertação; é um caminho que busca fazer da criança um ser civilizado, e bem cedo à escola participa desse processo. Com o conhecimento adquirido na escola, o aluno se prepara para a vida. Passa a ter o poder de se transformar e de modificar o mundo onde vive (MENDES, 2009).

Pensar a educação como fator de transformação da sociedade, implica em buscar compreender como ela se insere no contexto de transformação social, de que forma a conscientização interfere e catalisa movimentos geradores de mudança. Desta forma, podemos interpretar, por exemplo, que a educação funciona como um caminho para a realização de um objetivo. Um só caminho (FREIRE, 2001).

Aprender e ensinar faz parte da existência humana, como dela fazem parte à linguagem, o amor, o ódio, o medo, a curiosidade, não há como aprender e ensinar sem esses valores que são passados em primeiro lugar pela família onde o ser humano começa sua formação, portanto a educação é permanente porque ao longo da história o homem incorporou a sua natureza de que se podia sempre saber mais (MENDES, 2009).

O educador que é comprometido com a educação, não tem apenas o dever de formar seres pensantes, e cidadãos éticos, claro que não é responsável que estes valores não sejam assimilados, mas pode estimular o despertar deles e para que isso aconteça deve ser um exemplo quando exerce o papel de cidadão nos processos educacionais.

A educação é um caminho complexo, mas de máxima importância para a vida de um indivíduo, porque é através da escola que se podem realizar sonhos, de formar profissionais capacitados e especializados e só a educação proporciona isso (MENDES, 2009).

Aplicar na vida e na sociedade o saber e o aprendizado trabalhado na família na sociedade e na sala de aula é a base para o desenvolvimento do cidadão consciente e conseqüente crescimento da sociedade inteira que se insere.

3. 50 ANOS: OS NOVOS UNIVERSITÁRIOS

As pessoas que nasceram entre os anos de 1958 até meados dos anos 1968 que cresceram e passaram pela fase da Contra Cultura (movimento de contestação política, econômica, social e cultural) tentarem esquecer-se dos problemas que lhes foram empregados e foram fazer carreira profissional. Neste período, também ocorreu à emancipação da mulher, a sua inserção no mercado de trabalho e novas configurações familiares. Portanto, esta geração passou a ter mais foco na formação universitária e no estabelecimento de uma carreira profissional.

Grande parte dessa geração chegou a sua idade adulta com sonhos e descobriu que muito deles, não passariam de sonhos, pois o caminho é longo e o preço bem alto. Enquanto isso casaram-se, vieram os filhos que cresceram em um

mundo diferente do que eles conheceram quando jovens, alguns tiveram perdas de entes queridos, os sonhos envelheceram e as férias exóticas nunca foram tiradas.

Foram as primeiras a utilizar a tecnologia e ver como ela começava a se tornar importante no mundo. Na vida profissional não eram muito ousadas, valorizavam cargos e salários e funções permanecendo longos períodos no mesmo emprego (MEIRA, 2012).

A sociedade configurava uma época para cada coisa, primeiro a educação, depois o trabalho e a formação da família e por último o descanso. Nesta época a expectativa de vida era de quarenta anos, hoje vivemos sob as mesmas regras, mas nos aposentamos com mais idade e vivemos muito mais, (MONTEIRO, 2005).

A nova fase dos cinquenta anos ganhou um apelido: “segunda adolescência”, a falta de regras estabelecidas os leva a se entregar a reinvenção, o maior impacto é nas mulheres, elas não sentem a pressão de corresponder a tantas expectativas da sociedade, como criar filhos e trabalhar ao mesmo tempo, elas reajustam seu lugar no mundo de acordo com que é importante para elas, adaptaram suas expectativas de vida a realidade e sentem mais responsáveis pela própria felicidade (BOSI, 2004).

Costa (2006) relata que uma multidão de estudantes na casa dos vinte anos que, entre uma prova e outra, gasta o tempo em festas e namoros, essa é a imagem associada aos universitários. O estereótipo, porém, esta ameaçada por um público crescente nas salas de aula das universidades, o dos alunos com cinquenta anos ou mais, eles tem idade para serem pais, às vezes, avós de seus colegas de classe e não formam um perfil exatamente homogêneo. Enquanto uns estão pondo os pés pela primeira vez em uma universidade, outros já conhecem de longa data a engrenagem da vida acadêmica. Apesar do currículo escolar variado, trazem em comum à experiência de vida e uma relação madura com os estudos.

A presença de estudantes mais velhos nas universidades é forte segundo dados do Ministério da Educação. Se o aumento do número de menos de cinquenta anos foi de 73% entre 2000 e 2010, para a faixa com cinquenta anos ou mais o crescimento foi de 182%. Financiamento facilitado e mais vagas nas universidades públicas são alguns dos fatores que levam quem esta com cinquenta anos a tomar coragem para encarar os bancos universitários e realizar o sonho do diploma e a cobrança cada vez maior por capacitação também conta.

A educação de nosso tempo é caracterizada pelas mudanças sociais, pelo dinamismo do desenvolvimento, pela aceleração da história, não só a situação

global mudou profundamente, mas também a própria imagem do homem, assim a educação do adulto tem sentido, porque esta sempre aprendendo, a cada idade abrem-se novas perspectivas, novas e decisivas possibilidades de se realizar e aperfeiçoar (FURTER, 1978).

Uma característica comum a quem encara o curso superior aos cinquenta anos é ir para a sala de aula sem o peso de uma angústia própria dos jovens: a de ter uma profissão para fazer carreira e ganhar dinheiro. A preocupação desses alunos é com o conhecimento adquirido e o convívio social, essa última oportunidade, inclusive, tem sido cada vez mais explorada por essas pessoas que não querem se isolar (COSTA, 2006).

O que se vê hoje nas universidades é um universo de gerações com suas próprias crenças, valores e visão de mundo que são ajustados pela comunicação e convivência em sala de aula. Os mais jovens convivem com os colegas mais velhos com respeito e harmonia e estão adaptados com esses novos colegas vez que todos estudam por um objetivo comum.

3.1. A universidade uma busca de conhecimento

O papel da universidade que é um lugar onde a busca sistemática do conhecimento acontece, é o objetivo de todos os cursos de graduação formar da maneira mais adequada possível seus estudantes e o ambiente universitário deve ser espaço cativo para que o pensamento autêntico, crítico, se efetive.

O acesso à Universidade não pode significar apenas a obtenção de um certificado para fins de inserção no mercado de trabalho; deve, principalmente, significar o agregamento de conhecimentos e valores que contribuam para a formação de cidadãos críticos, capazes de construir uma sociedade melhor. Portanto, o papel da universidade na atualidade envolve funções várias e plurais, que se somam e se complementam para fazer frente a uma realidade igualmente complexa e multidimensional. Sob essa ótica, entende-se que o momento de transição vivido pelas instituições de curso superior não implica necessariamente na substituição do ensino tradicional, mas sim na sua complementarização por novos modelos que atendam às demandas atuais.

Assim, o papel da Universidade não deve se restringir à formação profissional, mas deve também abranger as atividades de pesquisa e extensão, os cursos técnicos, a formação complementar propiciada pelo ensino à distância, a produção do conhecimento e de inovação. Logo, a educação universitária pode

assumir configurações múltiplas, desde que o ensino ofertado seja de qualidade e realmente acrescente conhecimentos para o aluno. A Universidade tem uma função fundamental para o desenvolvimento da sociedade (JULIATTO, 2005).

A universidade não pode ser uma instituição burocrática, ela necessita ser uma organização que tenha como objetivo pensar e refletir novos modelos para o país. Por isto, nossa universidade necessita sempre ter visão de futuro. Não podemos pensar raso, nem de forma fragmentada e superficial.

A afirmação do compromisso em prol da excelência do ensino claramente apresenta dois lados que importa ponderar: empenho pessoal do professor e empenho institucional com as atividades de ensino. O empenho individual da parte dos docentes significa valorizar o processo ensino aprendizagem, mostrando dedicação na carreira que escolheram. O empenho pessoal no ensino combina a forte crença de que a aprendizagem se verifica mais facilmente se houver associação da boa-vontade do estudante com a contribuição do professor (JULIATTO, 2005).

O ensino e a aprendizagem tem que dar significado ao indivíduo para formar-se como homem, profissional e cidadão, e ter acima de tudo o comprometimento com sua formação para autonomia intelectual, emocional, social, cultural, política e profissional.

4. UNIVERSIDADE: UM NOVO LUGAR PARA DOCENTES E DISCENTES

A universidade é um lugar de busca de conhecimento, formação profissional, preparação para o mercado, troca de experiências, interação, criação de vínculos com colegas e professores, amizades que ultrapassam os bancos acadêmicos, renovação e atualização constantes. É um espaço para todas as idades, do jovem adulto à maturidade. Seja pela busca de recolocação ou de uma nova carreira, para realizar o sonho de conquistar um diploma de graduação, pela nova fase de vida depois da aposentadoria ou pelo simples fato de ter mais tempo com os filhos alçando os próprios voos, o número de alunos acima de cinquenta anos no ensino superior tem aumentado com o passar dos anos.

O início da vida universitária é marcado por uma convergência de situações que são apresentadas ao estudante, que é chamado a adaptar-se a esse novo meio social. Essa adaptação pode ser difícil ao “calouro”: uma nova “escola”, novos colegas, novas responsabilidades (MEIRA, 2012).

Os estudantes são a parte mais importante de uma instituição e cabe a ela demonstrar de modo geral e concreto dando atenção a tudo que ele realiza e amplia a sua aprendizagem (JULIATTO, 2005).

A relação estabelecida entre docentes e discentes na universidade promove uma maior adesão de valores associados ao curso escolhido e assim associam a satisfação pela universidade.

A entrada na universidade pode representar a esses alunos mais velhos um marco na construção do projeto de vida e uma boa adaptação acadêmica pode contribuir a continuidade e permanência no curso de graduação.

Os laços de amizade com colegas são essenciais para uma boa vida acadêmica de alunos de meia idade, as amizades possibilitam não só o sentimento de pertencer a um grupo, mas também é um apoio em caso de dificuldades.

Essa democratização traz para as universidades pessoas excluída historicamente, além de retornarem aqueles que já tenham uma graduação, mas que querem fazer um novo curso, causando assim um impacto social e educacional e esta inclusão nas universidades retrata uma melhor qualidade de vida para este grupo etário.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que é caracterizada por Gil (2002) como um processo de descobrir respostas para problemas, à descrição das características da população alvo e a identificação de relações determina pela natureza dessa relação, quanto aos meios desenvolveu-se como descritiva e exploratória, assim tornando-se produtiva quando se tem a finalidade de entender os motivos que levaram estas pessoas a não estudarem na idade correta, e hoje com perspectiva de mais anos de vida pertencer a essa nova geração de universitários cinquentões. Sua adaptação com colegas, professores e instituição e também pelo fato do tema escolhido da pesquisa ser pouco conhecido e pesquisado.

Para a realização da pesquisa fez-se um levantamento no curso de Pedagogia a fim de investigar o número de acadêmicos com cinquenta anos ou mais na Universidade da Região da Campanha Campus Bagé, a partir desse levantamento foi possível constatar que o curso em questão conta com duas acadêmicas nessa faixa etária e estão matriculadas em turmas regulares, cursando o oitavo semestre. As informações foram repassadas pela coordenadora do curso referido anteriormente.

Feito previamente um contato com as acadêmicas e no transcorrer do texto serão identificadas por letras A e B, preservando assim suas identidades, foi elaborada uma entrevista semiestruturada, com oito eixos para análise.

Após a transcrição das entrevistas propôs-se uma análise de conteúdo considerando cada resposta as indagações abordando os seguintes eixos temáticos:

- o que aconteceu para que não ingressasse na universidade na idade correta;
- escolha do curso;
- adaptação com colegas, professores e instituição;
- mudanças que o nível superior trouxe para a sua vida;
- porque decidiu estudar quando poderia investir em outras atividades que não exigisse de você;
- com a chegada desses cinquentões mudou o perfil dos alunos nas universidades e se essa geração trouxe algum benefício;
- se a busca de conhecimento ajuda em longevidade mais ativa;
- que mudanças foram percebidas pela sua família depois do seu ingresso no ensino superior;

No que se refere à análise de dados dessa pesquisa, utilizou-se a Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (1977) constitui-se na escolha como procedimento de análise mais adequado, consiste em compreender o sentido das comunicações e suas significações explícitas ou ocultas, que tem por objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados.

O presente estudo terá como garantia ética e sigilo sobre identidade dos entrevistados, e só participaram as acadêmicas que voluntariamente aceitaram a participar da entrevista e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que seguiu as normas preconizadas e será adequada a este trabalho de conclusão de curso, conforme orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências de Saúde.

Foi respeitada pelo pesquisador a autoria das fontes pesquisadas, referenciando autores citados no referencial teórico e nas referências desta pesquisa, conforme as leis de direitos autorais e normas da ABNT que estão vigentes.

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir do levantamento de dados realizado na Universidade da Região da Campanha – URCAMP constatou-se que há na instituição duas acadêmicas na faixa etária a qual se dedica este estudo, as quais cursam Pedagogia.

A partir da entrevista gravada com as alunas selecionadas, que compõem o grupo focal dessa pesquisa, realizou-se a transcrição das falas, e após a leitura fluente das mesmas, destacaram-se oito categorias de análise: 1) os motivos que não ingressaram na universidade na faixa etária correta; 2) o porquê da escolha do curso, 3) adaptação com colegas, professores e instituição; 4) as mudanças que o curso superior trouxe para suas vidas; 5) os motivos de retornar aos estudos; 6) que perfil de alunos observa na universidade com a chegada dos calouros cinquentões e que benefícios essa geração trouxe; 7) se a busca de conhecimentos ajuda em uma longevidade mais ativa, e 8) se a família observou mudanças depois do ingresso no ensino superior.

Observou-se na transcrição de dados que a aluna A tem 58 anos cursou o magistério e paga os seus estudos desde de 2014. A aluna B tem 59 anos não cursou o magistério, fez ENEM em 2013 e ingressou pelo processo seletivo ProUni em 2014.

Gontijo (2005) escreve que em relação aos estudos, muitas pessoas, assim que passam a ter independência financeira, retornam aos estudos e isso pode acontecer depois dos 30, 40 ou 50 anos, diante da afirmativa do referido autor, também nas falas das pesquisadas percebe-se que “os motivos de não ingressarem na universidade na faixa etária correta” prevalece à situação financeira porque na época as universidades eram pagas e o acesso se restringia a um público de poder aquisitivo mais elevado.

Ao nos remetermos ao núcleo de pesquisa, verificamos que os aspectos presentes na fala de Costa (2006) se aproxima das falas das pesquisadas, as quais destacam, quando questionadas, que em relação “à opção pelo curso de Pedagogia” as pesquisadas buscaram na universidade a realização de um sonho, mas também fica claro o seu compromisso com o ato de educar e alfabetizar crianças.

O início da vida acadêmica requer uma “adaptação com colegas, professores e instituição” nesse sentido, as pesquisadas quando questionadas sobre sua adaptação a Universidade demonstram que as dificuldades vinham delas mesmas porque colegas e professores as receberam muito bem, sendo que as entrevistadas eram a maior barreira em sua própria adaptação.

Nesta mesma linha de pensamento Monteiro (2005) descreve que hoje se vê nas universidades uma diversidade de gerações e independente de suas ideias de mundo ajusta-se em sala de aula através do diálogo e que os jovens convivem com respeito e harmonia com estes colegas que tem “os pés no chão” e que a idade acaba por não ter importância porque todos estudam por um objetivo comum.

Aos nos determos ao questionamento sobre “as mudanças que o nível superior trouxe para suas vidas”, as respostas das duas entrevistadas foram semelhantes no que diz respeito a se manterem atualizadas e a conviverem com os mais jovens.

Nessa fase da vida a maioria das pessoas sabe o que as frustra ou as desafia. O que traz prazer pode tanto estar presente no lazer quanto nos estudos.

São os sentimentos e as atitudes acerca das atividades usuais que revelam os verdadeiros interesses das entrevistadas quando questionadas sobre “o voltar a estudar e não investir em outras atividades que exigissem tanto delas”.

As pessoas que retornaram aos estudos depois de muitos anos, hoje estão com mais vida para viver e estão em busca de novas descobertas e possibilidades, transformando-se, inovando e evoluindo e assim redescobrimo-se como cidadão (MONTEIRO, 2005).

Com a chegada desses cinquentões questionou-se as pesquisadas se “mudou esse perfil na universidade e se essa geração trouxe algum benefício nas mudanças”. Nos relatos houve concordância quando disseram que ainda são minoria e que as pessoas mais velhas são mais responsáveis, comprometidos e respeitadores.

Sobre as gerações Obst (2017) manifesta que no futuro não existirá distinção de gerações no ambiente de trabalho, escolar e familiar, valorizando e equilibrando o potencial de cada um em função do bem comum.

Outro aspecto investigado propõe a indagação sobre “se adquirir mais conhecimento possa ajudar em uma longevidade mais ativa”. As entrevistadas falaram que as pessoas devem atualizar-se porque a partir daí pensam melhor e começam ter outra visão de mundo.

Relevante destacar que durante a pesquisa as entrevistadas ressaltaram “sobre que mudanças à família observaram após o ingresso no ensino superior”. As participantes destacaram que foi a valorização de si mesma e o apoio de seus familiares foi fundamental.

Por outro lado constata-se a importância que foi essas pessoas romperem com o habitual, o mais fácil, o corriqueiro buscando compensar perdas vivenciadas no decorrer de suas vidas, desse modo ingressaram em uma mudança de vida após selecionarem suas novas metas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente que as pessoas de meia idade ultrapassaram barreiras partindo para os estudos que as fazem evoluir e sentirem-se vivas. Ir para a universidade hoje esta se tornando comum nesta faixa etária mudando a ideia que universidade é só para jovens.

Atualizar seus conhecimentos, conviver com pessoas mais jovens, isso é se “sentir vivo, útil para o desenvolvimento da sociedade”, não que outras atividades não sejam importantes para uma longevidade saudável, mas o que prevalece é o estudar que mantém o ego em desenvolvimento.

O que fica claro e embasado nas referências desta pesquisa é que a faixa etária de mais de cinquenta anos, que está ingressando na universidade, pode não estar sendo percebida pelas instituições de ensino, mas esta mudando sutilmente a sociedade em que vivem, com suas ações e novos comportamentos, assumindo novos desafios como uma forma de provar a si mesmas e aos outros que são capazes de se reinventar, esta geração deixa um legado para as próximas que à de vir.

Ademais esta pesquisa procura minimamente responder um desejo pessoal de pessoas de cinquenta anos que acima de todas as dificuldades enfrentadas são capazes de superar todas as adversidades que a vida proporciona e partir para realização de seus objetivos. Deixa-se assim uma prévia para novas pesquisas porque estão ingressando em cursos de especializações como pós, mestrado estes novos estudantes que para reter suas conquistas estão em busca de conhecimento, sendo que o assunto aqui pesquisado é pouco explorado e merece uma atenção frente a tantas mudanças ocorrendo em nosso país, que esta em fase de desenvolvimento e o processo de envelhecimento ocorrem de maneira acelerada.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOSI, Ecléa, **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COSTA, Rachel, **Calouros depois dos 50**, disponível em www.istoé.com.br, acessado em 03/03/2018.
- FREIRE, Paulo. **Discussões em torno da pós-modernidade**. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.) *Pedagogia dos sonhos possíveis*/Paulo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Eduardo, **O número de idosos deverá aumentar no Brasil**, disponível em www.brasilecola.uol.com.br, acessado em 10/03/2018 e 17/03/2018.
- FURTER, Pierre, **Educação e Reflexão**. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- GARDNER, Howard, compilação do capítulo 1 do livro *Cinco mentes para o futuro*, **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre, nº45, p.56-59, 2008.
- GIL, Antônio Carlos, *Como elaborar projetos de pesquisa*, 4ª ed., São Paulo, Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6ª ed., São Paulo, Atlas, 2008.
- GONTIJO, Suzana, **Envelhecimento, política de saúde**, Organização Pan-Americana da Saúde, Brasília, p.14-30, 2005.
- JULIATTO, Clemente Ivo, **A universidade em busca da excelência: um estudo sobre a qualidade da educação**, Curitiba: Champagnat, 2005.
- MENDES, Fábio C.R., *Um novo modelo de ensino para o século XXI*, **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre, nº 51, p.60-63, 2009.
- MEIRA, Luciano, *Inovação na escola*, **Pátio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, nº14, p. 14-17, 2012.
- MONTEIRO, Pedro Paulo, **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**, 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PEREIRA, C., *Veteranos se tornam calouros*, **Veja**, São Paulo, v. 41, nº 2068, p. 96 – 97, abril/2008.
- OBST, Lena, **O que você vai ser quando crescer?** Palhoça: Unisul, 2017.